

**PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: O MANEJO COMPORTAMENTAL COMO PRÁXIS
E ESTRATÉGIA DE ESTUDO PARA O TEA**

***PSICOLOGÍA Y EDUCACIÓN: MANEJO DEL COMPORTAMIENTO COMO
PRÁCTICA Y ESTRATEGIA DE ESTUDIO DEL TEA***

***PSYCHOLOGY AND EDUCATION: BEHAVIORAL MANAGEMENT AS PRAXIS AND
STUDY STRATEGY FOR ASD***



Thaís YAZAWA¹
e-mail: tatayazawa@gmail.com



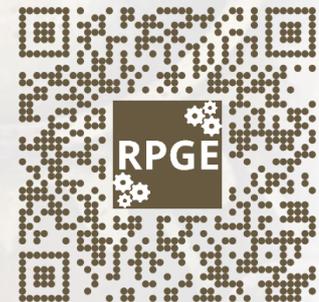
Fabiola COLOMBANI²
e-mail: fabiolacolombani@unimar.br



Gelci Saffiotte ZAFANI³
e-mail: gelciszafani@gmail.com

Como referenciar este artigo:

YAZAWA, T.; COLOMBANI, F.; ZAFANI, G. S. Psicologia e Educação: O manejo comportamental como práxis e estratégia de estudo para o TEA. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 27, n. 00, e023064, 2023. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v27i00.18689>



| **Submetido em:** 22/06/2023
| **Revisões requeridas em:** 10/08/2023
| **Aprovado em:** 07/10/2023
| **Publicado em:** 17/11/2023

Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), Lençóis Paulista – SP – Brasil. Psicóloga do Judiciário. Doutorado em Psicologia (UNESP).

² Universidade de Marília (UNIMAR), Marília – SP – Brasil. Professora Assistente do Curso de Psicologia e Coordenadora da Clínica de Psicologia. Doutorado em Educação (UNESP).

³ Universidade de Marília (UNIMAR), Marília – SP – Brasil. Professora do Curso de Psicologia. Mestrado em Educação (UNESP).

RESUMO: Este artigo tem como principal propósito discutir acerca do manejo comportamental baseado na Análise do Comportamento com o intuito de suscitar a reflexão para uma práxis e um estudo aprofundado sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio da metodologia adotada utilizando o *Aberrant Behavior Checklist* (ABC) e filmagens pré e pós-teste, foi possível descrever e comparar a frequência de comportamentos adequados e inadequados de crianças que apresentavam atipias em atendimentos individuais e, o repertório comportamental adequado e inadequado de profissionais da educação e da saúde no manejo destes comportamentos, antes e depois da participação em um programa de ensino baseado na forma de desenvolver o manejo. Os resultados foram positivos na medida em que houve um aumento significativo de comportamentos adequados e uma diminuição significativa de comportamentos inadequados tanto dos profissionais, quanto das crianças envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Educação. Manejo comportamental. TEA.

RESUMEN: *El objetivo principal de este artículo es discutir el manejo conductual basado en el Análisis de Conducta con el objetivo de incentivar la reflexión para la praxis y el estudio en profundidad del TEA. A través de la metodología adoptada utilizando el Aberrant Behavior Checklist (ABC) y filmaciones pre y post-test, fue posible describir y comparar la frecuencia de conductas apropiadas e inapropiadas de los niños que presentaron atipia en el cuidado individual y el repertorio conductual apropiado e inapropiado. de los profesionales de la educación y la salud en el manejo de estas conductas, antes y después de participar en un programa de enseñanza basado en cómo desarrollar la gestión. Los resultados fueron positivos ya que hubo un aumento significativo de conductas apropiadas y una disminución significativa de conductas inapropiadas tanto por parte de los profesionales como de los niños involucrados.*

PALABRAS CLAVE: *Psicología. Educación. Manejo del comportamiento. TEA.*

ABSTRACT: *The primary objective of this article is to delve into behavioral management grounded in Behavior Analysis, aiming to stimulate reflective praxis and a thorough exploration of Autism Spectrum Disorder (ASD). Employing the methodology of the Aberrant Behavior Checklist (ABC) and pre-and post-test filming, the study aimed to outline and compare the frequency of appropriate and inappropriate behaviors among children displaying atypical behavior in individual care. Additionally, it sought to assess the appropriate and improper behavioral repertoire of education and health professionals in handling these behaviors before and after participating in a training program centered on developing effective management strategies. The results yielded positive outcomes, demonstrating a significant increase in appropriate behaviors and a noteworthy decrease in inappropriate behaviors among professionals and the children involved.*

KEYWORDS: *Psychology. Education. Behavioral management. ASD.*

Introdução

O procedimento de avaliação comportamental é um instrumento que colabora no suporte de modificar comportamentos atípicos ou inadequados, mas para isso, é necessário observar para compreender e analisar o comportamento alvo de mudança (MILTENBERGER, 2018). Segundo Miltenberger (2018), a avaliação comportamental fornece informações para verificar a eficácia do tratamento e se realmente houve mudanças comportamentais. Para ele, na avaliação direta, o comportamento é observado e registrado à medida que ocorre e, para isso, utilizam-se métodos de registro. Para comportamentos atípicos, a partir da observação é possível identificar a sua função e iniciar estratégias de modificação comportamental apropriadas.

Das estratégias de intervenções comportamentais mais frequentemente descritas na literatura, estão a análise funcional e os reforçamentos diferenciais. Segundo Boutot e Tincani (2009), dentre os reforçamentos diferenciais, há o *Differential Reinforcement of Alternative Behavior* (DRA) ou Reforçamento diferencial de comportamento alternativo, o *Differential Reinforcement of Incompatible Behavior* (DRI) ou Reforçamento diferencial de comportamento incompatível e o *Differential Reinforcement of Other Behavior* (DRO) ou Reforçamento diferencial de outro comportamento. No DRA, um comportamento específico, alternativo, é escolhido e será reforçado imediatamente após sua ocorrência. Neste caso, ela não precisa ser necessariamente incompatível topograficamente com o comportamento que se pretende extinguir ou diminuir de frequência. No DRI são reforçados comportamentos incompatíveis e apropriados considerando o comportamento que se deseja extinguir. No DRO, outro comportamento emitido, diferente do comportamento inadequado, será reforçado, no momento de sua ocorrência.

Cowdery, Iwata e Pace (1990) chamaram a atenção para a importância dos reforçamentos diferenciais para diminuição de autolesão. O estudo realizado por eles teve como participante um menino de nove anos que apresentava autolesão. Quando hospitalizado, Jerry foi tratado com punição (com uma breve aplicação de gelo contingente ao arranhão) que reduziu a autolesão em 30%. Na primeira fase foram coletados dados para a linha de base de análise funcional com o objetivo de identificar as propriedades funcionais da autolesão de Jerry. Esta fase foi realizada nos moldes de um estudo anterior (IWATA *et al.*, 1994), utilizando quatro condições, atenção, demanda, sozinho e brincar, acrescida de mais uma, sozinho com brinquedos.

Na análise dos resultados, Jerry arranhava-se quando estava sozinho. A autolesão não ocorreu em nenhuma das demais condições. Tais resultados sugerem que outras formas de estimulação (social, brinquedos, atividades acadêmicas) serviam como distratores efetivos para a autolesão, provendo condições para um comportamento concorrente. Desta maneira, iniciou-se a segunda fase de tratamento, utilizando fichas em um esquema de reforçamento em DRO, conduzida com Jerry sozinho com o terapeuta em uma sala sem acesso a brinquedos. O terapeuta disse a Jerry que “sairia da sala por alguns minutos e que ele não deveria arranharse”. Se Jerry não se arranhasse e emitisse qualquer outro comportamento adequado, ganhava uma moeda e reforçadores sociais. Ao final, era permitido a Jerry trocar as moedas por acesso à TV, salgadinhos, videogames e outros materiais. O comportamento de autolesão zerou, voltando às taxas de 78% quando revertido o procedimento.

Os procedimentos desenvolvidos pela Análise do Comportamento (AC) podem ser utilizados dentro das salas de aula e de salas de atendimento individual. DiGennaro, Martens e Kleinmann (2007) realizaram procedimentos de ensino para professores e afirmaram que o uso de práticas baseadas em evidências é particularmente importante durante a frequência escolar com um psicólogo, enquanto consultor, trabalhando em conjunto com o professor no planejamento, implementação e avaliação de um plano de intervenção para o aluno. Ainda, os autores afirmaram que a responsabilidade pelo plano de intervenção é primariamente do professor, o que exige que estes adquiram novas habilidades a serem incorporadas em seu repertório acadêmico.

A Psicologia é uma ciência que muito tem a contribuir com os educadores (HENKLAIN; CARMO, 2013) mas ainda existem muitas barreiras e rótulos. A Análise do Comportamento, dado ao desconhecimento dos seus princípios, tem sido considerada tecnicista e redutora do homem, a despeito de outros autores demonstrarem o contrário (CARMO; BAPTISTA, 2003; CARRARA, 2005; LUNA, 2000; TEIXEIRA, 2006; TODOROV; MOREIRA, 2008). Segundo Henklain e Carmo (2013), há uma demanda para identificação de práticas que facilitem o ensino, sendo necessário estudar o comportamento por meio de uma análise experimental que “permitam a proposição e aplicação de práticas e ensinamentos eficientes e eficazes” (p. 707).

Observar e descrever topograficamente os comportamentos, permite escolher as principais respostas-alvo da intervenção e a escolha de estratégias emergenciais de intervenção, com o objetivo de manter a segurança dos envolvidos, no caso de agressões e autolesões, voltadas para o enfraquecimento ou eliminação de respostas agressivas a médio, ou longo prazo

(REY, 2018). Compreender funcionalmente as respostas emitidas pelos clientes é uma das premissas da capacitação que eles estão envolvidos.

Observar e descrever topograficamente, tanto o comportamento dos clientes, quanto o comportamento dos profissionais seria, então, uma medida mais objetiva da aprendizagem dos participantes.

O presente estudo pretendeu descrever e comparar a frequência de comportamentos adequados e inadequados de crianças que apresentavam comportamentos atípicos em atendimento individual e, o repertório comportamental adequado e inadequado de profissionais da saúde e da educação no manejo destes comportamentos, antes e depois da participação em um programa de ensino baseado em Análise do Comportamento.

O delineamento utilizado foi o quase experimental, com os participantes como seu próprio controle em comparações antes e depois de uma intervenção em um delineamento ABC: sendo A, a Linha de Base 1 (identificação de comportamentos atípicos das crianças e filmagens dos comportamentos dos profissionais e clientes em sessões de atendimento), B a intervenção (curso) e a condição C, a Linha de Base 2 (identificação de comportamentos atípicos das crianças e filmagens dos comportamentos dos profissionais e clientes em sessões de atendimento).

Para este estudo, 18 participantes, profissionais da saúde e da educação, com experiência em educação especial e demandas análogas foram contatados para participar da pesquisa. Foi utilizado o inventário *Aberrant Behavior Checklist* (ABC), desenvolvido por Aman *et al.* (1985). O ABC é uma escala desenvolvida empiricamente para medir sintomas psiquiátricos e comportamentais, classificada em cinco grandes domínios (irritabilidade, agitação e choro, letargia, isolamento social e comportamento estereotipado). Além deste instrumento, foi utilizado o material instrucional “*Graves problemas de comportamento no atendimento em saúde: como lidar?*” (Yazawa; Fornazari; Rodrigues, 2018). Este material conta com três módulos, no total de 70 páginas de textos e exercícios dissertativos e de múltipla escolha para avaliação do material lido com crivo de autocorreção.

A coleta, realizada em quatro etapas, consistiu no contato com as participantes (professoras e profissionais da saúde), que foram filmadas em atendimento ou em sala de aula, em interação com as crianças com TEA ou outros diagnósticos, antes da intervenção com o material didático (Linha de base 1). Posterior à filmagem realizaram o Curso “*Graves problemas no atendimento em Saúde – Como lidar?*” com o material. Após a finalização do

curso, foi agendada outra sessão de atendimento dos profissionais, ou um período na sala de aula, para filmagem e obtenção de dados do pós-teste (Linha de Base 2).

Para a análise dos resultados das filmagens do pré e do pós-teste, os comportamentos dos profissionais (adequados e inadequados) e dos clientes (adequados e inadequados) foram codificados e quantificados. Os dados foram submetidos à análise de frequência relativa nos dois momentos - antes e depois da intervenção. Além disso, foi realizada uma análise estatística comparativa utilizando o teste não paramétrico de Wilcoxon.

A intervenção, compreendendo a filmagem do pré-teste, o curso e o pós-teste, teve uma duração aproximada de cinco meses, sendo que três meses foram dedicados exclusivamente à conclusão do curso.

Resultados

O primeiro conjunto de dados aborda os resultados do pré-teste e pós-teste referentes às classes de comportamentos adequados dos profissionais. A Tabela 1 exibe a porcentagem de ocorrência de comportamentos adequados e inadequados por parte dos profissionais. Ao considerar os valores totais obtidos no pré-teste e pós-teste, verifica-se que no pré-teste, 75,5% dos comportamentos emitidos pelos profissionais eram adequados, enquanto no pós-teste esse número aumentou para 95%.

Tabela 1 - Comportamentos totais adequados dos profissionais no pré-teste e no pós-teste em frequência absoluta e relativa

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste	
	n	%	n	%
Adequados	1828	75,5%	2512	95%
Inadequados	591	24,5%	131	5%
Total	2419	100%	2643	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras

A Tabela 2 apresenta os valores médios dos comportamentos adequados e inadequados dos profissionais nos pré e pós-teste. A análise estatística mostrou que houve diferença significativa tanto nos comportamentos adequados quanto nos inadequados ($p=0,010$ e $p=0,001$).

Tabela 2 - Comparação das médias dos comportamentos totais adequados e inadequados dos profissionais no pré-teste e no pós-teste (Teste Wilcoxon)

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste		p
	Média	DP	Média	DP	
Adequados	101,56	41,88	139,56	49,17	0,010
Inadequados	32,83	55,19	7,28	13,14	0,001

Fonte: Elaborado pelas autoras

Considerando os valores totais obtidos no pré-teste e no pós-teste, para cada comportamento é possível visualizar um aumento de 1828 para 2512 comportamentos totais contabilizados. O comportamento de *Elogiar outro comportamento* aumentou a frequência absoluta de 34 para 184, assim como *Elogiar atividade completa* aumentou de 112 para 252 e *Conversar* aumentou de 1175 para 1560 (Tabela 3).

Tabela 3 - Comportamentos adequados dos profissionais no pré-teste e no pós-teste em frequência absoluta e relativa

Comportamentos adequados	Pré-teste		Pós-teste	
Conter o cliente em agressão	21	1,15%	4	0,16%
Desenvolver atividades lúdicas	193	10,55%	234	9,31%
Desenvolver atividades específicas	292	15,97%	278	11,07%
Conversar	1175	64,28%	1560	62,11%
Elogiar atividade completa	112	6,13%	252	10,03%
Elogiar a emissão de outro comportamento	34	1,86%	184	7,32%
Elogiar comportamento incompatível	1	0,06%	0	0,00%
Total	1828	100,00%	2512	100,00%

Fonte: Elaborado pelas autoras

A Tabela 4 mostra as médias dos comportamentos adequados antes e depois da intervenção. Observa-se que quatro dos sete comportamentos tiveram medias maiores nos pós-teste. A análise estatística mostrou que a classe de comportamento *Elogiar atividade completa* apresentou mudança significativa do pré para o pós-teste ($p=0,031$).

Tabela 4 – Comparação pré e pós de profissionais por classes de comportamentos adequados

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste		Z	p
	Média	DP	Média	DP		
Conter o cliente em agressão	1,17	3,31	0,22	0,64	- 1,62	0,1
Desenvolver atividades lúdicas	10,72	8,51	13	12,54	- 0,76	0,44
Desenvolver atividades específicas	16,22	18,69	15,44	11,3	- 0,04	0,96
Conversar	65,28	39,15	86,67	38,58	- 1,72	0,08
Elogiar atividade completa	6,22	8,427	14	13,31	- 2,15	0,031
Elogiar a emissão de outro comportamento	1,89	2,96	10,22	20,87	- 1,82	0,06
Elogiar comportamento incompatível	0,06	0,23	0	0	-1	0,31

Fonte: Elaborado pelas autoras

Com relação aos comportamentos inadequados, quase todos os comportamentos diminuíram de frequência, com exceção do *Interromper atendimento*, que permaneceu com os mesmos valores no pré e no pós-teste. Estes dados estão descritos na Tabela 5.

Tabela 5 - Comportamentos inadequados dos profissionais no pré-teste e no pós-teste em frequência absoluta e relativa

Comportamentos inadequados	Pré-teste		Pós-teste	
Ignorar o cliente em agressão	88	14,89%	19	14,50%
Reforçar o comportamento inadequado	210	35,53%	31	23,66%
Interromper atividades-fim	108	18,27%	28	21,37%
Não elogiar DRO	117	19,79%	45	34,35%
Interromper o atendimento	8	1,35%	8	6,10%
Total	591	100%	131	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras

Investigou-se, também, as mudanças nas médias pré e pós-intervenção. Dos cinco comportamentos observados, quatro tiveram médias menores no pós-teste do que no pré. Os dados indicaram que três delas diminuíram significativamente sendo *Reforçar comportamento*

inadequado ($p=0,001$), *Interromper atividade-fim de sua especialidade* ($p=0,002$) e *Não elogiar emissão de DRO* ($p=0,013$), como podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 - Comparação pré e pós de profissionais por classes de comportamentos inadequados

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste		Z	p
	Média	DP	Média	DP		
Ignorar agressão	4,89	13,17	1,06	2,64	-	0,17 1,36
Reforçar inadequado	11,67	21,96	1,72	2,63	-	0,001 3,10
Interromper atividade-fim	6,00	9,24	1,56	3,14	-	0,002 3,10
Não elogiar emissão de outro comportamento	9,83	14,00	2,50	4,89	-	0,013 2,48
Interromper atendimento	0,44	0,78	0,44	1,65	-	0,33 0,97

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os comportamentos dos clientes também foram analisados considerando o total dos comportamentos adequados e inadequados no pré e pós-teste e, depois, os comportamentos específicos analisados para cada classe. Observa-se que aumentaram os comportamentos adequados, de 69% para 84,7% e, diminuíram os inadequados de 30,8% para 15,3%.

Tabela 7 - Comportamentos totais adequados dos profissionais no pré-teste e no pós-teste em frequência absoluta e relativa

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste	
	n	%	n	%
Adequados	997	69,2%	1073	84,7%
Inadequados	443	30,8%	193	15,3%
Total	1440	100%	1266	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras

A Tabela 8 apresenta os valores médios dos comportamentos adequados e inadequados dos profissionais nos pré e pós-teste. A análise estatística mostrou que os comportamentos inadequados ($p=0,024$) diminuíram significativamente do pré para o pós-teste.

Tabela 8 - Comparação das médias dos comportamentos totais adequados dos clientes no pré-teste e no pós-teste (Teste Wilcoxon)

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste		p
	Média	DP	Média	DP	
Adequados	55,39	41,77	59,61	40,76	0,76
Inadequados	24,61	33,93	10,72	19,00	0,024

Fonte: Elaborado pelas autoras

Referente aos comportamentos adequados específicos dos clientes, apresentados na Tabela 9, é possível identificar aumento na categoria *Aderir à atividade* e no total dos comportamentos emitidos.

Tabela 9 - Comportamentos adequados dos clientes no pré-teste e no pós-teste em frequência absoluta e relativa

Comportamentos adequados	Pré-teste		Pós-teste	
Aderir à atividade	174	17,45%	365	34,01%
Comunicar adequadamente	512	51,35%	487	45,38%
Acatar à orientação	311	31,19%	221	20,59%
Total	997	100,00%	1073	100,00%

Fonte: Elaborado pelas autoras

Foram comparadas, também, as médias dos comportamentos adequados nos dois momentos. Deles, apenas a classe de comportamento *Aderir à atividade* teve uma diferença estatisticamente significativa ($p=0,003$), aumentando do pré para o pós-teste, como pode ser observado na Tabela 10.

Tabela 10 - Comparação pré e pós de clientes por classes de comportamentos adequados

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste		Z	p
	Média	DP	Média	DP		
Aderir à atividade	9,67	5,85	29,28	12,37	-3,00	0,003
Comunicar adequadamente	28,44	28,60	27,06	38,76	-0,37	0,70
Acatar orientação	17,28	15,79	12,28	10,08	-1,19	0,23

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os comportamentos inadequados podem ser visualizados na Tabela 11. Apenas a categoria *Masturbar-se* não diminuiu do pré para o pós-teste, sendo que as demais categorias diminuíram em suas frequências.

Tabela 11 - Comportamentos inadequados dos clientes no pré-teste e no pós-teste em frequência absoluta e relativa

Comportamentos inadequados	Pré-teste		Pós-teste	
	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Freq. Abs.	Freq. Rel.
Autoagressão	13	2,93%	2	1,03%
Heteroagressão	17	3,83%	0	0%
Masturbar-se	0	0%	31	16,06%
Evacuar	1	0,22%	0	0%
Destruir Ambiente	67	15,12%	26	13,47%
Gritar	100	22,57%	47	24,35%
Estereotipia	239	53,95%	87	45,07%
Pica	3	0,67%	0	0
Chorar	3	0,67%	0	0
Total	443	100,00%	193	100,00%

Fonte: Elaborado pelas autoras

Investigou-se, também, mudanças significativas nas médias dos comportamentos inadequados. Dos comportamentos observados, oito deles tiveram médias menores no pós-teste, mas apenas uma das classes de comportamentos inadequados, *Estereotipia* ($p=0,007$), teve diferença significativa entre os dois momentos de avaliação, como pode ser observado na Tabela 12.

Tabela 12 - Comparação pré e pós de clientes por classes de comportamentos inadequados (Teste de Wilcoxon)

Comportamentos	Pré-teste		Pós-teste		Z	p
	Média	DP	Média	DP		
Autoagressão	0,72	2,6	0,11	0,32	-0,73	0,46
Heteroagressão	0,94	2,46	0	0	-1,84	0,06
Masturbar	0	0	1,72	7,3	-1	0,31
Evacuar	0,06	0,23	0	0	-1	0,31
Destruir ambiente	3,72	9,15	1,44	5,17	-1,95	0,051
Gritar	5,56	13,12	2,61	7,6	-1,48	0,13
Estereotipia	13,28	23,25	4,83	10,46	-2,68	0,007

Pica	0,17	0,51	0	0	-1,34	0,18
Chorar	0,17	0,38	0	0	-1,73	0,08

Fonte: Elaborado pelas autoras

Discussão

Os dados obtidos apontam para mudanças significativas após a intervenção. Com relação aos comportamentos adequados e inadequados dos profissionais nos pré e no pós-teste, ambos apresentaram diferenças significativas fortes, sinalizando aumento de comportamentos adequados e diminuição considerável dos comportamentos inadequados no pós-teste, confirmando as hipóteses levantadas.

Os dados encontrados relacionados aos comportamentos adequados dos profissionais na primeira filmagem nos trazem um panorama geral dos comportamentos iniciais dos participantes, como “Conversar”, sendo o comportamento que mais apareceu, seguido de *Desenvolver atividade específica* e *Desenvolver atividade lúdica*. Tais comportamentos são observados no repertório inicial destes participantes, por fazerem parte do repertório laboral destes profissionais. Após conhecerem os conceitos da AC, Análise funcional (AF) e DRA e DRI por meio do programa de capacitação, esperava-se um aumento nas categorias de comportamentos como elogiar atividade completa, elogiar emissão de outro comportamento, e elogiar comportamento incompatível.

A classe de comportamento *Elogiar atividade completa* apresentou significância estatística, o que pode ser inferido como uma tentativa de reforçar comportamentos adequados dos clientes/alunos. Destes, apenas elogiar comportamento incompatível não apresentou aumento, o que pode sinalizar que os participantes compreenderam a necessidade de sequenciar apropriadamente os comportamentos adequados que seus clientes emitiam. De acordo com Cowdery, Iwata e Pace (1990), os reforçamentos diferenciais tem bons resultados na autoagressão. Outro resultado esperado é que ao reforçar outros comportamentos mais adequados, os inadequados diminuem de frequência, aumentando o repertório comportamental.

Os comportamentos inadequados também apresentaram resultados esperados após os participantes entrarem em contato com o material, diminuindo sua frequência, apenas “interromper atendimento” manteve-se com a mesma pontuação. Com relação aos comportamentos inadequados dos profissionais, as classes que diminuíram significativamente no pós-teste foram: reforçar comportamento inadequado; interromper atividade-fim de sua especialidade e, não elogiar emissão de DRO. Estes dados sugerem que, após tomar

conhecimento de conceitos da AC, os profissionais atentaram às consequências emitidas por estes aos comportamentos de seus clientes, com diminuição do reforçamento de comportamentos inadequados, de interromper as atividades realizadas e não elogiar outros comportamentos adequados que pudessem surgir durante o atendimento. No que concerne às categorias de comportamentos que evidenciaram diferença estatisticamente significativa, observa-se que a estereotipia demonstrou uma diferença significativa robusta. Tal diferença sugere uma redução nos comportamentos associados a essa classe do pré-teste para o pós-teste.

Relacionado aos comportamentos adequados das crianças, aderir à *atividade* e os totais de comportamento apresentaram um aumento. Os comportamentos adequados totais aumentaram de frequência e as crianças passaram a aderir mais às atividades propostas pelos profissionais. Este mesmo dado apresentou diferença significativa forte na análise estatística. Conforme apontado por Boutot e Tincani (2009), ao propiciar condições para que as crianças manifestem comportamentos mais apropriados, observa-se um aumento na frequência desses comportamentos por meio da implementação de reforçamentos diferenciais.

Os comportamentos inadequados das crianças apresentaram diminuição em quase todas as categorias, exceto em *Masturbar-se*. Infere-se que houve uma variável não identificada, ambiental ou medicamentosa, que alterou o comportamento da criança com relação a esta classe comportamental. Uma diminuição significativa moderada pôde ser observada nos comportamentos inadequados das crianças, o que sugere uma diminuição dos comportamentos inadequados do pré para o pós-teste. Os dados obtidos com os clientes mostram que a melhora nas práticas educativas dos profissionais refletiu rapidamente no comportamento dos seus clientes, possibilitando melhores condições de aprendizagem nos atendimentos terapêuticos ou pedagógicos.

Alguns comportamentos, como elogiar *atividade completa*, *elogiar a emissão de outro comportamento*, são comportamentos em que o emissor deve estar atento para ser contingente. Emitir tais comportamentos de maneira adequada exige a aprendizagem de algumas habilidades, como a de realizar a Análise Funcional, e desta forma, fazer a discriminação correta dos comportamentos do cliente e comportar-se apropriadamente.

Considerações finais

O presente estudo buscou descrever e comparar os comportamentos adequados e inadequados manifestados por profissionais e crianças com comportamentos atípicos após a implementação do programa de capacitação. Os resultados indicaram um aumento significativo nos comportamentos adequados e uma diminuição significativa nos comportamentos inadequados, tanto por parte dos profissionais quanto das crianças envolvidas. Os profissionais demonstraram uma maior atenção em fornecer consequências reforçadoras para os comportamentos de seus clientes, evidenciando um aumento nos elogios, bem como uma maior aderência às atividades por parte das crianças.

Os profissionais também reforçaram menos comportamentos inadequados e interromperam menos as atividades-fim que estavam sendo desenvolvidas com as crianças. Os pacientes-clientes dos participantes aderiram mais às atividades propostas no pós-teste, o que pode ser consequência do comportamento *elogiar atividade completa* que também foi emitido em maior frequência no pós-teste. Os participantes tornaram-se mais atentos aos comportamentos que emitiam frente às condutas das crianças, o que pode ter como resultado os números observados no pós-teste. A categoria *Masturbar-se* permaneceu na mesma frequência, muito possivelmente pelas consequências reforçadoras sensoriais deste comportamento. Os profissionais, provavelmente, aprenderam a avaliar os comportamentos que emitiam enquanto consequência dos comportamentos das crianças, mesmo que não soubessem ao certo nomear os procedimentos (DRA, DRI ou DRO) – dessa forma, os pacientes-clientes aumentaram os comportamentos adequados (*Aderir à atividade e Comunicar adequadamente*).

Enquanto limitações deste estudo, um maior número de participantes poderia prover dados mais generalizáveis para as práticas laborais. Outra limitação se refere ao fato de que o programa de ensino utilizado era universal, não associado diretamente às necessidades deles. Não foi possível prever e controlar variáveis estranhas que podem ter influenciado alguns comportamentos como o de *masturbar-se*, no pós-teste, que foi emitido por um único participante.

Para estudos futuros, sugere-se a realização de *follow-up* para verificar se há mudanças nos resultados. Sugere-se, ainda, na intervenção a realização de encontros presenciais, para o uso do vídeo *feedback* que possibilita que o participante visualize seu próprio comportamento e o do seu cliente, tanto em situações adequadas como inadequadas, possibilitando a reflexão conjunta com o pesquisador sobre como utilizar as estratégias de reforçamento diferencial nas situações onde o comportamento inadequado ocorreu, tanto do profissional como do cliente.

REFERÊNCIAS

- AMAN, M. G. *et al.* The aberrant Behavior checklist: a Behavior rating scale for the assessment of treatment effects. **American Journal of Mental Deficiency**, [S. l.], v. 89, n. 5, p. 485-491, 1985.
- BOUTOT, A.; TINCANI, M. **The complete guide to autism spectrum disorders: autism encyclopedia**. 2. ed. Waco, Texas: Prufrock Press Inc., 2009.
- CARRARA, K. **Behaviorismo radical: crítica e metacrítica**. São Paulo: Unesp, 2005.
- CARMO, J. S.; BAPTISTA, M. Q. G. Comunicação dos conhecimentos produzidos em análise do comportamento: uma competência a ser aprendida? **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, 499-503, 2003.
- COWDERY, G. E.; IWATA, B. A.; PACE, G. M. Effects and side effects of DRO as treatment for self-injurious Behavior. **Journal of Applied Behavior Analysis**, [S. l.], v. 23, p. 497-506, 1990.
- DIGENNARO, F. D.; MARTENS, B. K.; KLEINMANN, A. E. Comparison of performance feedback procedures on teachers' threatment implementation integrity and students' innapropriate Behavior in special education classrooms. **Journal of Applied Behavior Analysis**, [S. l.], v. 40, p. 447-461, 2007.
- HENKLAIN, M. H. O.; CARMO, J. S. Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 43, n. 149, p. 704-723, 2013.
- IWATA, B. A. *et al.* Toward a functional analysis of self-injury. **J Appl Behav Analysis**, [S. l.], v. 27, n. 7, p. 197-209, 1994. DOI: 10.1901/jaba.1994.27-197.
- LUNA, S. V. A crise da educação e o Behaviorismo. Que parte nos cabe nela? Temos soluções a oferecer? *In*: CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. III Simpósio em Filosofia e Ciência: Paradigmas do Conhecimento no Final do Milênio. São Paulo: FAPESP/Unesp-Marília-Publicações, 2000. p.143-155.
- MILTENBERGER, R. G. **Modificação do comportamento: Teoria e prática**. Cengage, São Paulo, 2018.
- REY, D. D. Avaliação e intervenção em casos de comportamento agressivo e autolesivo. *In*: DUARTE, C. P.; COLTRI E SILVA, L.; VELLOSO, R. L. (org.). **Estratégias da Análise do comportamento aplicada para pessoas com transtorno do espectro do autismo**. [S. l.]: Memnon, Publicações científicas, 2018.
- TEIXEIRA, A. M. S. **Análise de contingências em programação de ensino infantil: liberdade e efetividade na educação**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2006.
- TODOROV, J. C., MOREIRA, M. B. Psicologia, comportamento, processos e interações, **Psicol. Reflex. Crit. [online]**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 404-412, 2008.

YAZAWA, T.; FORNAZARI, S. A.; RODRIGUES, O. M. P. R. R. **Graves problemas de comportamento no atendimento em saúde: como lidar?** 2018. (Material de capacitação não publicado).

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaria de agradecer alguém ou alguma instituição? UNESP de Bauru e UNESP de Marília.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não aplicável.

Aprovação ética: O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa? Passou por algum comitê de ética? Sim. Projeto aprovado no Comitê de ética em pesquisa. CAEE 76995717.2.0000.5398.

Disponibilidade de dados e material: Os instrumentos estão citados nas referências.

Contribuições dos autores: Conceitualização: Thaís Yazawa, Fabiola Colombani e Gelci Saffiotte Zafani. Metodologia: Thaís Yazawa. Redação – Primeira Versão: Thaís Yazawa, Fabiola Colombani e Gelci Saffiotte Zafani. Revisão Final: Thaís Yazawa, Fabiola Colombani.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

